

***As “Tribos de Israel”!
Memórias remanescentes em Juízes 5,14-18***

*The “tribes of israel”!
Remaining memories in Judges 5,14-18*

Resumo

O foco de pesquisa é Juízes 4-5, uma unidade muito estudada para falar dos primórdios de Israel. Hoje, contudo, esses textos estão sob “suspeita” por serem considerados de composição tardia, não antes do período pós-exílico. Não obstante, entendemos que, ainda que a sua forma final seja tardia, em seu interior encontram-se unidades menores que escondem antigas tradições que podem reportar às origens do que mais tarde viria a ser Israel Norte. Um exemplo é a perícopa de Juízes 5,14-18, onde se revela uma especial memória de Benjamin, cujo pouco relevante desempenho histórico, de quando as monarquias de Israel Norte e Judá já estão instauradas, não tem razão de ser. Essas memórias devem ser remanescentes da resistência saulida no coração das montanhas do território benjaminita. Se é assim, Juízes 5,14-18, estaria em sintonia com as antigas tradições presentes em 1Samuel 9-(12)14.

Palavras-chave: Juízes. Israel Norte. Tradições. Memórias. Benjamin.

Abstract

The focus of this research is Judges 4-5, a very studied unit to talk about the early days of Israel. Today, however, these texts are under “suspicious” because they are considered late composition, not before the post-exilic period. Nevertheless, we understand that, although its final form is late, inside are smaller units that hide ancient traditions that can report to the origins of what later would be Israel North. An example is the pericope of Judges 5,14-18 which reveals a special memory of Benjamin, whose little relevant historical performance, when the monarchies of Israel North and Judah are already introduced, has no reason to be. These memories must be remnants of saulida resistance in the heart of the mountains of Benjaminite territory. If so Judges 5,14-18 would be in line with the ancient traditions present in 1Samuel 9-(12) 4.

Key-words: Judges. Israel North. Traditions. Memories. Benjamin.

* Doutor em Sagrada Escritura pela Universidade de Münster, Alemanha; pós-doutorado pelo Departamento de Arqueologia da Universidade de Tel Aviv; professor titular de Primeiro Testamento do Programa de Pós-Graduação em Ciências da Religião da Universidade Metodista de São Paulo - UMESP; coordenador do grupo de pesquisa “Arqueologia do Antigo Oriente próximo” (<https://portal.metodista.br/arqueologia>). E-mail: jademarkaefer@gmail.com

Introdução

A ideia de doze tribos de Israel, que teriam conformado uma confederação tribal (NOTH, 1966), é um conceito que foi introduzido tardiamente na literatura bíblica e que, portanto, não se sustenta historicamente (KAEFER, 2010, p. 169-177). O mesmo aplica-se para o conceito “filhos de Israel” (KAEFER, 2016b, p. 402-426). A época dos juízes, como organização nacional de uma única e grande nação em torno de um único Deus (Javé) e único santuário (Silo) e que teria existido antes da instauração da monarquia em Israel, é uma construção teológica do segundo templo no pós-exílio. Ou seja, uma construção em favor da teocracia do templo, onde os sacerdotes, como juízes, administravam em nome de Deus. Qual é, então, o propósito desse ensaio ao se referir às tribos de Israel? O objetivo é empenhar-se na análise de Juízes 4-5, no intuito de resgatar possíveis resquícios que possam remeter a antigas tradições de Israel Norte. Não necessariamente remeter às origens dessas tradições, mas a um período em que possíveis estratos literários já fossem utilizados como propaganda nacional.

1. O Livro dos Libertadores (Jz 3,7-12,15)

Quem primeiro identificou Juízes 3,7-12,15 como um livro independente “a coleção dos salvadores/libertadores” ou ainda “o livro dos heróis” foi W. Richter (1964). Ainda que não haja unanimidade em torno da teoria de Richter (VAN SETERS, 2008, p. 345-353), é amplamente aceito que Juízes 3,7-12,15 teve uma longa trajetória independente e, como um todo, conformando o livro dos Juízes (1-21), provavelmente só foi juntado aos demais livros históricos bem tarde, não antes do período pós-exílico (LANOIR, 2004, p. 332).

Contudo, dentro do conjunto do livro dos Juízes (1-21) e, mais especificamente, dentro do conjunto do livro dos libertadores (3,7-12,15), existem unidades menores. Uma dessas unidades são os capítulos 4-5. Ou seja, esses capítulos foram organizados sincronicamente como uma unidade. Mas, mesmo esta unidade (4-5) contém várias quebras literárias (diacronia), o que leva a crer que não só o conjunto do livro passou por um longo processo redacional, onde unidades menores, com diferentes origens, foram utilizadas para construir a forma final do texto, mas, também as unidades menores, como Juízes 4-5, passaram por revisões.

2. A Batalha e o Hino (Juízes 4-5)

Juízes 4-5 caracteriza-se como uma unidade de redação tardia, pós-exílica. Eis alguns exemplos que o confirmam. Primeiro, a estrutura segue o mesmo esquema das demais unidades de Juízes 3,7-12,15, ou seja, após a morte de um juiz ou salvador/libertador, os israelitas voltam a fazer o que é mau aos olhos de Javé e, por isso, Javé os entrega nas mãos dos inimigos. Os israelitas, então, clamam a Javé, que lhes envia um novo libertador (Jz 4,1-3), nesse caso, uma libertadora. Essa é uma forma típica da teologia do templo no pós-exílio,¹ a qual atribui as desgraças do povo ao culto a outros deuses, que no pós-exílio passam a ser denominados de falsos deuses. E somente a volta a Javé pode salvá-los do mal.

Outra característica típica dessa redação é a ação de Javé. Ou seja, quem liberta é Javé e não o povo ou o/a juiz/juíza. O mérito não é do povo, mas de Javé. Quem ordena é Javé (4,6) e quem entrega o exército de Sísara nas mãos de Barac também é Javé (4,7.14). É ele quem vai à frente (4,14) e quem derrota Sísara ao fio de espada (4,15-16). Entregar Sísara nas mãos de uma mulher (4,9.18-21) parece uma sátira dessa teologia para mostrar a insignificância do poder do inimigo diante da grandeza de Javé.

Ainda é possível perceber a composição final tardia da unidade 4-5 pelo paralelo que compõe com Êxodo 14-15 (ZENGER, 2004, p. 420). Enquanto Juízes 4 (derrota de Sísara e libertação de Israel) apresenta-se como um paralelo de Êxodo 14 (derrota do faraó e libertação de Israel), Juízes 5 (canto de Débora a Javé, que lançou o exército de Sísara nas torrentes do Quisom) mostra-se como paralelo de Êxodo 15 (canto de Miriam a Javé, que lançou o exército do faraó no mar dos juncos).

Mas também Juízes 4-5 não é uma unidade coesa. É possível encontrar divisões ou camadas internas de procedência distinta. Isto é, Juízes 4-5 não é fruto de um único autor (DE HOOP, 2009, p. 155), apesar de que o texto possa ser lido sincronicamente como um todo. O redator final buscou dar-lhe uma forma, com uma estrutura lógica, mas o seu conteúdo mostra estilos e gêneros literários diferentes. Por exemplo, o capítulo 5 distingue-se claramente do capítulo 4. Enquanto este é apresentado em forma de prosa, o capítulo 5 é caracterizado como poesia, mais especificamente, como um hino (5,1), um hino em

¹ Entendemos por pós-exílio não necessariamente o período persa, mas também o período grego, onde talvez o livro tenha adquirido sua forma final.

louvor a Javé (5,3). É perceptível que os versículos 4,1-3 e 4,23-24 formam a moldura da história de Débora, assim como os versículos 5,1-3 e 5,31 compõem a moldura do hino. O hino é, provavelmente, mais antigo, ou pelo menos parte dele, que a história de Débora. Mas, também no interior do hino (Jz 5) podemos encontrar um bloco, cuja natureza difere dos demais versículos desse capítulo, como é o caso dos versículos 14-18, que serão objetos de nossa análise mais adiante.

É bem provável que, na sua origem, o hino não fosse atribuído a Débora, mas tenha sido um hino independente, e que só mais tarde tenha sido cominado a ela (5,7.12.15). Reforça essa hipótese o versículo 12, que, ao introduzir Débora, interrompe a narrativa do canto. Portanto, é possível que o hino fosse um louvor cantado a Javé após o triunfo numa batalha, cujo contexto exato perdeu-se (DE HOOP, 2009, p. 160). A constante referência ao povo que acudiu à batalha parece evidenciar essa possibilidade.

É possível também que a menção a Débora (4,5), que julgava debaixo de uma tamareira (*tômer*) seja o resquício de uma memória sobre um santuário que ali existia. Gênesis 35,8 parece dar eco a esta hipótese: “E morreu Deborah, ama de Rebeca, e foi enterrada embaixo de Betel, debaixo do carvalho. E chamou seu nome de Alon Bacut (Carvalho dos prantos)”. Sabe-se que o carvalho (*'alôn*) ou o terebinto (*'ēlâh*), feminino da mesma raiz, era considerado uma árvore sagrada. E, por extensão, para ilustrar, a forma masculina “El” (*'ēl*) e a feminina “Elah” (*'ēlâh*).

Os versículos 5,4-5, que tratam da manifestação de Javé, são praticamente uma cópia de Deuteronômio 33,2; Habacuque 3,3-7 e Salmo 68,8-9. Esses textos situam a origem de Javé no sul do deserto do Negev, entre as regiões do Sinai, Seir, Edom, Temã etc. (RÖMER, 2015, p. 38-48).² Os versículos 5,6-13 e 5,19-30 retomam novamente o conteúdo do capítulo 4. Dito de outra forma, Juízes 5,6-13 relembra o erro de Israel até que Débora se levanta, e Juízes 5,19-30 celebra a

² Referência similar foi encontrada nos escritos de Kuntillet 'Ajrud. Contudo, ao nosso entender, isso não é necessariamente uma prova contundente de que o culto a Javé tenha sua origem nessas paragens, próximas ao sul de Judá. Entendemos que ainda carece de uma pesquisa mais apurada a possibilidade de o culto a Javé ter sua origem no norte, norte da Mesopotâmia, região da Síria, Ugarit, Mari, Ebla, Gilead etc. Uma vez que as mais recentes pesquisas apontam cada vez mais para Israel Norte, como local da origem do Israel primitivo, entre as montanhas de Benjamin-Efraim-Gilead, é plenamente convincente de que o Israel primitivo tenha sofrido maior influência cultural e religiosa da Mesopotâmia do que da região do sul do Negev e do Egito. Parece-nos que somente mais tarde, a partir do século VIII a.C., que o culto a Javé passa a ser associado às regiões do sul de Judá e sul da Transjordânia.

vitória de Javé e a morte de Sísara pelas mãos de Jael contada em Juízes 4. Essa estrutura evidencia que Juízes 5,14-18 forma uma perícope à parte dentro do conjunto do capítulo 5. Esses versículos serão objeto de nossa análise mais detalhada a seguir.

3. Um antigo canto (Juízes 5,14-18)

Os versículos 14-18 formam uma unidade independente. Aqui se fala de tribos ou clãs e de regiões que participaram ou não de uma batalha. O conjunto dos versículos aparenta querer indicar uma entidade nacional. A diferença em relação aos demais versículos de Juízes 5 pode-se perceber, por exemplo, na forte reprovação que sofre Meroz (5,23), que por não acudir à batalha é amaldiçoado pelo anjo, tanto ele quanto os seus habitantes. Três vezes é repetido a raiz do verbo “amaldiçoar” (*'rr*) sobre Meroz e seus habitantes num único versículo. Diferentemente das outras tribos da unidade versículos 14-18, que também não acudiram à batalha, mas que sofrem repreensão bem menor. A própria menção ao “anjo de Javé” (*mal'ak YHWH*), mostra a influência da teologia babilônica nesse versículo (5,23). Vale mencionar, ainda, que na unidade 5,14-18 não há referência a Javé, o que evidencia uma indicação da antiguidade dessa perícope. Vejamos:

Juízes 5,14-18

*14 De Efraim suas raízes em Amalec. Atrás de ti (está)
Benjamin com teus povos. De Maquir desceram príncipes
e de Zebulon os que empunham bastão de bronze.*

*15 E meus chefes (estão) com Issacar, com Débora e Issacar.
Assim Barac, no vale se precipita a seus pés. Nos clãs de
Ruben grandes deliberações de coração.*

*16 Por que permaneceu entre os apriscos para escutar
os assobios de rebanhos? Nos clãs de Ruben,
grandes deliberações de coração.*

*17 Gilead em além do Jordão descansa. E Dan, por que habitou
em navios? Aser permaneceu em margem de mares
e em seus portos repousou.*

*18 Zebulon, povo (que) arriscou sua vida para morrer.
E Neftali sobre alturas de campo.*

A perícopre apresenta uma composição difícil para a tradução ao português. Algumas construções parecem não fazer sentido. Tem palavras que despontam poucas vezes na Bíblia, o que faz que não se tenha segurança na hora da tradução. Basta comparar o texto massorético com o da Septuaginta para se ter uma ideia das dificuldades. A diferença é tanta entre ambos os textos que é bem possível que a Septuaginta tivesse como base outro texto hebraico, diferente do texto massorético. Para quem tem dificuldade na lida com o hebraico e o grego, sugerimos que compare as traduções que as Bíblias em português apresentam. Ele ou ela logo perceberá a diferença entre uma tradução e outra, que, em não poucos casos, muda completamente o sentido do texto.

Contudo, a forma arcaica do texto tem um componente favorável, ela é uma prova da composição antiga da perícopre, ou pelo menos parte dela. Além disso, percebem-se aqui e acolá costuras e adendos. Não é possível abordar neste ensaio todos os problemas textuais. Iremos mencionar apenas alguns.

O versículo 14, que difere bastante da Septuaginta, parece querer dizer que Efraim descende de Amalec: “De Efraim, suas raízes em Amalec”. No livro dos Juízes, e em particular no livro dos libertadores, os amalecitas são apresentados como grandes inimigos de Israel. Em 3,16, Amalec e Amon aliam-se a Eglon para lutar contra Israel e tomar a cidade das Palmeiras (Jericó). Em 6,3 os amalecitas são acusados de invadirem as terras israelitas para roubar as colheitas agrícolas. Em 6,3.33 e 7,12 os amalecitas, com os midianitas e os filhos do oriente, encontram-se acampados no Vale de Jezreel para fazer guerra contra Israel. Em 10,12, os amalecitas, com os egípcios, amoritas, amonitas, filisteus sidônios e Meon, são mencionados como referência para falar dos inimigos históricos dos filhos de Israel. Portanto, visto a partir desse plano, o início do versículo 14 é uma forte crítica a Efraim. A Septuaginta, por sua vez, apresenta uma versão bem diferente e positiva desse versículo. O que parece indicar que tinha uma fonte hebraica distinta do texto massorético, ou, então, que o texto massorético foi mudado, com o objetivo de difamar a imagem de Efraim.

Ainda no versículo 14, em seu final, temos a expressão *b^ešēbet sōfer*, que literalmente significa “em bastão de escriba”. É uma expressão estranha para um contexto de guerra. O que estaria um escriba fazendo numa batalha? Optamos por “bastão de bronze”, que parece a melhor alternativa, ainda que insegura, para indicar a ação de comando de Zebulon.

O versículo 15 começa com a expressão *w^ešaray*, um substantivo plural, com sufixo na primeira pessoa do masculino singular. Literalmente, significa: “meus chefes”. As Bíblias tendem a ler o substantivo como um construto, ignorando o sufixo na primeira pessoa, ficando: “Os chefes de Issacar estão com Débora”. É uma leitura forçada para se encontrar um sentido na frase. Porém, os problemas do versículo não param aí. No segundo hemistíquio, temos ainda uma duplicata do nome próprio Issacar, que não tem necessidade de ser. A Septuaginta omite a repetição do nome “Issacar”, assim como o nome “Barac”.

Também o terceiro hemistíquio do versículo 15 é todo problemático. A melhor tradução que encontramos, buscando manter a literalidade, foi: “Assim, Barac no vale se precipita a seus pés”. O que significa isso exatamente? Precipitar a seus pés quer dizer ir no seu calçado? Seria uma perseguição? Mas a quem? Enfim, o versículo 15 é todo complexo, à exceção do quarto hemistíquio, que se refere a Ruben. Mas, mesmo aqui a expressão *bif^elagôt*, que traduzimos por “em clãs de”, mas que pode significar “divisões”, “territórios”, deixa dúvidas.

No versículo 16, a dificuldade maior é com a expressão *hamiš^ep^etayim*, de difícil tradução porque só aparece aqui e em Gênesis 49,14, onde é aplicada a Issacar, como veremos mais adiante. Pela forma parece tratar-se de um dual. As opiniões se dividem entre “alforjes” (SKINNER, 1930, p. 526; VON RAD, 1972, p. 345-350; SEEBASS, 2000, p. 165) e “apriscos” (KITTEL, 1959, p. 24; WESTERMANN, 1982, p. 266). É convincente que para Gênesis 49,14-15, a melhor tradução seja “alforjes”, dado o contexto de serviço forçado do qual Issacar parece vítima (KAEFER, 2006, p. 135-147). Contudo, aqui, onde Ruben é acusado de estar ocupado na lida com os rebanhos (‘ădarym), entendemos que “apriscos” aplica-se melhor.

Os versículos 17 e 18 não têm tantos problemas textuais, apesar de o exato significado do seu conteúdo não se apresentar com clareza: Gilead (Gad?) habita, “descansa” no além Jordão; Dan nos navios; Aser junto ao mar; Zebulon arrisca a vida; Neftali nas alturas.

4. A lista original

A perícopes 5,14-18 apresenta dois grupos de tribos/clãs distintos. O primeiro grupo são as tribos/clãs que participaram da batalha, e cuja bravura é exaltada: Efraim, Benjamin, Maquir, Zebulon, Issacar e Neftali (v. 14,15 e 18). Zebulon é mencionado duas vezes (v. 14 e 18).

Neftali aparece só no final, e não está clara a sua ação, se participou da batalha ou não. O substantivo masculino plural *marôm* (altos ou alturas) não dá muitas pistas. Talvez seja uma referência à sua localização nas montanhas, como dá a entender Juízes 4,6.10, onde Zebulon e Neftali têm destaque e também aparecem juntos. É possível que a nova menção a Zebulon e a introdução de Neftali (v. 18) seja para compor a moldura da perícopa. Suporta essa hipótese o fato da métrica desse versículo diferir da métrica do restante do hino e se parecer mais ao estilo dos ditos tribais de Gênesis 49, como veremos mais adiante.

O segundo grupo é formado pelas tribos/clãs repreendidas por não acudir ao chamado: Ruben, Gilead (Gad), Dan e Aser. Aqui há uma mudança de estilo e os motivos pela não participação na batalha são bastante genéricos: Ruben, porque ficou ocupado com o seu rebanho; Gilead ficou descansando no além Jordão; Dan nos navios; e Aser junto ao mar. Pela característica, parece que esses versículos, que compreendem as tribos/clãs repreendidas, tenham outra origem.

É provável que o canto original contivesse somente o grupo que acudiu à batalha: Efraim, Benjamin, Maquir, Zebulon, Issacar e Neftali. Ou seja, que o hino tenha sido ao princípio um antigo canto a guerreiros que voltavam vitoriosos de uma batalha, e que mais tarde foi associado a Débora e Barac. É possível que a confusa construção do primeiro hemistíquio do versículo 15, que repete Issacar, ao lado de Débora, tenha a função de incluir Débora, ausente até então na perícopa. Presume-se que o momento em que Débora e Barac tenham sido acrescentados ao hino fosse também quando o grupo de tribos repreendidas tenha sido acrescentado. Portanto, o grupo de tribos da lista original era bem pequeno, no máximo seis.

5. Juízes 5,14-18 e Gênesis 49,13-(18)24a

Como já afirmado, Juízes 5, Gênesis 49,1-28 e Deuteronômio 33 são três textos paradigmáticos para a identidade tribal de Israel e Judá. Para o nosso propósito, Gênesis 49, em especial, apresenta-se como um paralelismo com Juízes 5. Assim como Juízes 5,14-18, também Gênesis 49,13-(18)24a contém um estrato antigo que, antes de ser incorporado pela teologia judaíta de Jerusalém, que exalta a figura de Judá (49,8-12), era um texto independente e paradigmático para afirmar a identidade de Israel Norte, com louvores a Efraim, que era a tradição tribal dominante na região (KAEFER, 2006, p. 193-215).

O grupo de tribos repreendido em Juízes 5,14-18 (Ruben, Gilead, Dan e Aser) parece ter sido copiado de Gênesis 49, ou vice-versa. Aqui como lá, um grupo de tribos é desprezado. E, como já referido, em ambos os textos encontra-se uma mesma expressão que não aparece em qualquer lugar na Bíblia, exceto nessas duas passagens. Referimo-nos à expressão *bên hamiš^ep^etâyim*. Em Juízes 5,15b-16, Ruben é acusado de não haver acudido ao chamado e de ter permanecido “entre os apriscos” ou “entre os alforjes” (*bên hamiš^ep^etâyim*). Essa mesma acusação é feita a Issacar em Gênesis 49,14. Ou seja, o que aqui é atribuído a Ruben, em Gênesis 49,14 é conferido a Issacar, que aqui é louvado (Jz 5,15). Isso é impossível ser mera coincidência. Resta saber quem copiou de quem. Tendemos a pensar que Juízes 5,16 seja mais antigo.

6. Topônimos em vez de Tribos

Os nomes presentes no texto parecem muito mais indicar lugares ou regiões do que tribos/clãs. Até porque a expressão “tribos de Israel” é uma referência tardia, assim como o nome “Israel” e mais ainda “filhos de Israel” (KAEFER, 2016b, p. 402-426). Tanto que essas expressões não aparecem no texto em análise, o que versa em favor da sua antiguidade. Em vez disso, temos o substantivo “povo” (*am*), presente no versículo 14: “Benjamin com teus povos”; e no versículo 18: “Zebulon, povo que arriscou sua vida”. “Povo” indica a memória antiga, que mais tarde foi substituída por “filhos de Israel” ou “Israel” (OTTERMANN, 1997, p. 35), como se pode observar em Juízes 5,2.9.11. Portanto, o que provavelmente temos aqui é a menção aos habitantes de determinada região ou montanha, denominado de povo daquele lugar: montanha de Efraim, de Benjamin, Tabor, Gilead etc. Um “povo” que não deveria ser um grupo grande.

Também em relação às tribos/povo que não acudiram, com certa dose de sátira, trata-se de topônimos. Como exemplo, a referência aos “clãs” ou “divisões” (*p^elagot*) de Ruben, repetido duas vezes. Assim também Gilead, no além Jordão, não é um povo/tribo, mas uma região. É possível que no período da composição, não houvesse mais um povo que fosse identificado com Gad.

A redação dá primazia ou maior importância a Efraim, que encabeça a lista. Ainda que “suas raízes em Amalec” pareça querer desfazer essa opinião.³ O motivo da preferência por Efraim provavelmente se

3 Obra do redator deuteronomista em contra de Efraim? Caso similar, de intento de desfazer a primazia de Efraim, encontramos em Gênesis 49,22-26. Só que lá Efraim foi retirado e substituído por José (KAEFER, 2006, p. 193-215).

dá porque estamos na capital Samaria (1Rs 16,23-28), localizada na região montanhosa de Efraim (Js 16). Nesse sentido pode ser lida também a identificação de Débora, que “habitava embaixo da tamareira de Débora, entre Ramá e Betel, na montanha de Efraim” (Jz 4,5). A origem do escrito mais antigo dessa perícopes, portanto, pode ser localizada no tempo dos Omridas (KNAUF, 2005, p. 168), entre os anos 885-840, ou talvez mais tarde, no reinado de Jeroboão (788-747), quando Israel Norte teve grande expansão econômica e geográfica. Contudo, a memória retratada pelas letras do texto em questão parece retroceder a períodos anteriores. A base fundamental para essa hipótese acreditamos estar no papel que desempenha Benjamin.

7. Benjamin e a origem do futuro Israel

Na perícopes de nossa análise (Jz 5,14-18), entre as tribos/clãs que acudiram ao chamado, versículos 14-15b.18, que parece a tradição mais antiga do texto, Benjamin aparece em segundo lugar na lista, logo após ou na retaguarda de Efraim: “atrás de ti, Benjamin com teus povos”. A expressão “atrás de ti” não tem referência clara, se é atrás de Efraim ou de Débora e Barac, ou, ainda, atrás de Javé. Em todo caso, Benjamin tem uma posição importante no cântico. Se entendemos que Efraim é colocado no início pelo redator por ser onde se localiza a capital Samaria, então, Benjamin, como segundo, na retaguarda da liderança, seria o primeiro na ordem de importância.

Conforme Gênesis 35,16-25, Benjamin é o segundo filho de Raquel, mas, possivelmente o primeiro (MOWINCKEL, 1958, p. 145-146) e talvez o único. Sua mãe o chamou de “filho da minha dor”, mudado por Jacó para “filho da minha mão direita”, como forma para se referir ao “filho do sul”, que deve ser o verdadeiro sentido do nome, para aludir à região montanhosa do sul de Efraim (NOTH, 1966, p. 71), fronteira com Judá. A historiografia bíblica costuma apresentar o território de Benjamin (Js 18,11-28) como a menor das tribos de Israel (Nm 1,37; 26,41; 1Sm 9,21). Contudo, o planalto de Benjamin, de onde originou-se o nome com o qual foram conhecidos os seus habitantes, tem uma forte e antiga identificação com a história de Israel. Tanto que há certa disputa por parte de alguns estudiosos em defender que a tradição e o território benjaminita era pertencente ao território de Judá e não a Israel Norte. Ou seja, dada a importância da região de Benjamin para a geopolítica de Israel, ela teria tido maior identificação com Judá do que com Israel Norte (NA'AMAN, 2009, p. 335-349).

É bem provável que ali, no interior das montanhas do território de Benjamin, entre Gibeá e Gibeón (FINKELSTEIN, 2011, p. 348-367), estejam as raízes do que mais tarde viria a ser Israel. É dessa região benjaminita que temos as tradições mais antigas no livro de Primeiro Samuel, especialmente os capítulos 9–(12)14 (KAEFER, 2016b, p. 402-426). E é nessas montanhas de Benjamin que nasce o reino saulida.

A referência mais consistente em termos históricos das tradições presentes em 1Samuel 9–(12)14 são os nomes das cidades/aldeias que dão a localização aonde o reino saulida formou-se. São diversas localidades aparentadas morfológicamente: Gibeá de Saul, Gibeá de Benjamin, Gibeá de Elohim, Gebá e Gibeón. Todas encontram-se no território de Benjamin e todas têm em comum a raiz *gb'* (montanha), o que caracteriza sua identidade de “reino da montanha”. Há ainda outras cidades que delineiam o entorno do nascente reino, como Salisá, Saalim e Suf, cuja localização exata perdeu-se, Betel e Micmas (KAEFER, 2016, p. 426).

Num segundo momento, conforme dá a entender 1Samuel 9–(12)14, o reino saulida estendeu-se: para o leste, na direção de Jabes de Gilead, no além Jordão, assim também apontam as escavações arqueológicas (FINKELSTEIN, 2016, 1-15). Talvez seja demasiada imaginação, mas, Maquir, o terceiro na lista de Juízes 5,14, é tradicionalmente localizado na Transjordânia (Js 13,29-31) e considerado filho de Manassés e pai de Gilead (Nm 26,29; 27,1; Cr 17,14-19). Maquir, então, representaria a expansão do reinado saulida para o além Jordão. Curiosamente, Maquir não se encontra na lista dos outros dois textos paradigmáticos (Gn 49 e Dt 33).

É provável que antes de ser destruído pela campanha de Sheshong, por volta de 926 a.C., o reino saulida tenha se estendido para o norte, em direção à montanha de Efraim. Difícil saber se chegou a dominar o centro do Vale de Jezreel, onde se situa o monte Tabor, região onde tradicionalmente é localizado o território de Zebulon, e um pouco mais para o oeste, Neftali (Jz 5,6-10), o que estaria em sintonia com a referência que faz o hino (Jz 5,14.18), e o texto em prosa (5,4-10), onde Zebulon e Neftali têm grande destaque.

Enfim, é possível que as memórias mais antigas de Juízes 5,14-18 estejam aparentadas com as memórias de 1Samuel 9–(12)14 e que ambas sejam um tênue reflexo do que sobrou do início do reinado de Saul, o que mais tarde viria a ser a primeira monarquia de Israel, consolidada pela dinastia omrida.

8. O contexto israelita

Como já visto, pode ser verossímil que em Juízes 5,14-18 tenhamos resquícios da memória que retrocede até os primórdios da resistência popular nas montanhas de Benjamin e que resultou, mais tarde, na monarquia de Israel Norte, sob o governo omrida. Essa memória estaria contida excepcionalmente nos versículos 14-15b.18, que tratam dos povos que participaram de uma batalha vitoriosa, cujo contexto originário perdeu-se. Contudo, o conjunto dos versículos em estudo também retrata um segundo período, no qual Efraim passa ter papel de destaque e por isso encabeça a lista. Esse segundo momento seria quando a tradição é posta por escrito e passa a servir de propaganda para promover o Estado.

Esse segundo momento, o da escrita, é quando Israel Norte firma-se como monarquia nas montanhas de Efraim e inicia sua expansão econômica e geográfica. É também quando o novo reino tem condições de produzir textos escritos que avalizariam seus propósitos expansionistas.

As recentes pesquisas tendem a situar esse início da composição de textos complexos em Israel Norte durante o reinado de Jeroboão II (788-747), quando Israel teve um segundo grande despertar econômico, agora sob o domínio do império assírio. Contudo, entendemos que podemos retroceder alguns anos e situar esse início da composição de textos durante o forte reinado da dinastia omrida, entre os anos 884 e 842. Nessa época Israel Norte, não só se firma como monarquia, estabelecendo sua capital em Samaria (Sebastia), mas expande o seu domínio para o norte, sul e principalmente para o leste. Para o norte, além de reinar sobre todo o rico Vale de Jezreel, apossando-se da fortaleza de Meguido, os omridas chegam até a fronteira de Dan, já em território arameu. Para o sul, dominam sobre Jerusalém e sobre boa parte da alta Shefelá, até o deserto de Judá. No leste, para o além Jordão, o território conquistado pelos omridas é o maior, englobando os territórios moabita e amonita. As escavações arqueológicas têm encontrado sinais evidentes da presença omrida nessa região, que podem ser vistos na forma de construção das muralhas casamata, nos portões de seis câmaras, nos fossos, nos templos etc. (DE MENDONÇA, 2015, p. 73-87).

O território conquistado pelos omridas na Transjordânia é mais ou menos delimitado pelos rios Yarmuk, no norte, e o Arnon, no sul. No norte da Transjordânia, até a fronteira com o Yarmuk, Israel conquista/anexa o território de Gilead (Gad). No centro, junto ao rio Jabok

(*Zarqa*), Israel estabelece uma forte base militar em Phenuel/Fanuel (*Adh-Dhahab*) e Manahaim. No sul, Israel conquista as cidades-fortaleza de Jahaz (*Khirbet el-Mudeyine*), Atarot (*Khirbet Ataruz*), Dibon (*Diban*) e Aroer (*Areir*), a última é uma base militar com uma fantástica vista sobre todo o comércio que vinha pelo rio Arnon (Wadi al-Mujib). O interesse dos omridas pelo leste é porque essa era uma região propícia para a agricultura e a pecuária, principalmente a região norte, Gilead, e o centro sul, no Vale do Jordão. No sul da Transjordânia, o interesse maior se dá pelo controle do rico comércio que vinha da Arábia. Por isso os fortes de Aroer e Atarot.⁴

Portanto, o que temos com a expansão territorial em quase todo Levante da dinastia omrida, com sede em Samaria, é similar à de um pequeno império. Essa é uma das grandes diferenças em relação à expansão de Jeroboão II, aproximadamente um século depois. Enquanto o último, ainda que tenha tido crescimento econômico e expansionista (2Rs 14,23-28), vivia sob a tutela assíria, de quem era vassalo e a quem tinha que pagar rigorosamente um altíssimo tributo. A dinastia omrida, ao contrário, era independente e tinha autonomia sobre a região que dominava, de cujos povos exigia o pagamento de altos tributos, corveia e taxas de pedágio.

Considerações finais

O avanço da pesquisa bíblico-literária mudou muito a compreensão que se tinha dos primórdios de Israel, origem e formação. Textos bíblicos, como Juízes 4–5, que antes alavancavam tais temas, hoje são vistos com suspeita por serem considerados de composição tardia. Contudo, é difícil não reconhecer que dentro de unidades maiores, como o livro dos libertadores (Jz 3,7-12,15), encontram-se unidades menores independentes, que é o caso de Juízes 4–5. Tais unidades, ainda que em sua forma final retratem uma composição tardia (pós-exílica), revelam também um longo e complexo processo redacional que oculta tradições antigas. Esse é o caso de Juízes 5,14-18. Ali se encontra um antigo canto (entoado pelas mulheres?) que exalta a bravura dos guerreiros/povo que voltam vitoriosos de uma batalha, cujo contexto originário perdeu-se.

⁴ A expansão imperialista de Israel Norte para o leste, principalmente sobre o território moabita, é atestada pela Estela de Mesa, que consta ser por volta de 840 a.C., portanto, final da dinastia omrida, quando Israel Norte perde o controle sobre o território moabita.

Chama a atenção na perícopes (5,14-18), mas também em 4,4-10, o papel de Benjamin, cujo território, pelo desempenho histórico posterior quando Israel e, mais tarde, Judá, já formam um Estado constituído, não tem relevância. De forma que, devemos ter aqui memórias remanescentes dos primórdios do reinado saulida, cujo centro encontrava-se no coração das montanhas do território de Benjamin. Com isso acreditamos que Juízes 5,14-18, talvez especificamente 5,14-15b.18, tenha parentesco com as memórias presentes em 1Samuel 9-(12)14, que tratam de antigas tradições saulidas nos vários sítios benjaminitas: “Gibeá de Saul”, “Gibeá de Benjamin”, “Gibeá de Elohim”, “Gebá” e “Gibeón”. Todas essas localidades têm em comum a raiz *gb’* (montanha).

Mais tarde, quando o reino saulida já é Israel (Norte), uma monarquia forte, com seu centro transferido para Samaria (Sebastia), o canto de Juízes 5,14-18, assim como, Gênesis 49,13-(18)24a, é usado para legitimar a política expansionista do Estado, principalmente em direção à Transjordânia. É quando Efraim passa a encabeçar o canto, e Israel passa de oprimido a opressor. É instigante, contudo, que, no final, todas as ações sejam atribuídas à liderança de uma mulher: Débora, a juíza que tem sua sede sob a sombra de uma tamareira, na montanha de Efraim (Jz 4,5).

Referências

- DE MENDONÇA, É. V. S. O Padrão da Arquitetura Omrida para Israel Norte. In: **Caminhando**. São Bernardo do Campo, v. 20, n. 2, jul./dez, p. 73-87, 2015.
- DONNER, H. História de Israel e dos povos vizinhos – Dos primórdios até a formação do estado. Petrópolis: Vozes, v. 1, 1997.
- FINKESLSTEIN, I. Saul, Benjamin and the Emergence of ‘Biblical Israel’: An Alternative View. In: **ZAW**. Berlin: Walter de Gruyter, v. 123, p. 348-367, 2011.
- _____. The Old Jephthah Tale in Judges. In: **BIBLICA**. Roma: Pontificii Instituti Biblici, v. 97/1, p. 1-15, 2016.
- FRITZ, V. The complex of Traditions in Judges 4 and 5. In: MAEIR, A. M.; MIROSCHEJLI, P. (Orgs.). **“I Will Speak the Riddles of Ancient Times”** – Archaeological and Historical Studies in Honor of Amihai Mazar. Winona Lake: Eisenbrauns, 2006, p. 689-698.
- KAEFER, J. A. A função de Gn 49 na narrativa do livro de Gênesis. In: **RIBLA**. Petrópolis: Vozes, v. 50, 2005, p. 64-69, 2010.
- _____. À procura de Saul! Uma análise de Primeiro Samuel 9-(12)14. In: **Horizonte**. Belo Horizonte: PUC Minas, v. 42, p. 402-426, 2016.

- _____. Tribalismo na história de Israel: perspectiva ainda válida? In: **Espaços**. São Paulo: Santuário, v. 18, n. 2, p. 169-177, 2010.
- _____. Un Pueblo libre y sin reyes: la función de Gn 49 y Dt 33 en la composición del Pentateuco. **ABE/44**. Estella: Verbo Divino, 2006.
- KITTEL, H. J. **Die Stammessprüche Israels, Genesis 49 und Deuteronomium 33 traditionsgeschichtlich untersucht**, 1959, 192 p. Dissertação. Berlin.
- KNAUF, E. A. Deborah's Language: Judges Ch. 5 in Its Hebrew and Semitic Context. In: **Studia Semitica et Semitohamitica**. Münster, v. 317, p. 167-182, 2005.
- LANOIR, C. Juízes. In: RÖMER, T.; MACCHI, J.-D.; N., C. (Orgs.). **Antigo Testamento – História, escritura e teologia**. São Paulo: Loyola, 2010, p. 322-337.
- MOWINCKEL, S. "Rahelstämme" und "Leastämme." In: HEMPEL, J.; ROST, L. Rost (Orgs.). **"Von Ugarit nach Qumran."** Berlin: FSO. Eißfeldt, BZAW 77, 1958, p. 129-150.
- NAAMAN, N. Saul, Benjamin and the Emergence of "Biblical Israel" (Parte 2). In: **Zeitschrift für die Alttestamentliche Wissenschaft**. Berlin: Walter de Gruyter, v. 121, p. 335-349, 2009.
- NOTH, M. **História de Israel**. Barcelona: Garriga, 1966.
- OTTERMANN, M. As tribos de Israel e seus agentes de libertação. Os voluntários e os/as líderes das lutas no livro dos Juízes. In: **Estudos Bíblicos**. Petrópolis: Vozes, v. 55, p. 29-45, 1997.
- RICHTER, W. Die Bearbeitung des ‚Retterbuches‘ in der deuternomistischen Epoche. In: **BBB**. Bonn, v. 18, 1966.
- RÖMER, T. **The Invention of God**. Massachusetts: Harvard College Press, 2015.
- SEEBASS, H. **Genesis III – Josephsgeschichte (37,1-50,26)**. Neukirchen: Neukirchen-Vluyn, 2000.
- SKINNER, J. **A Critical and Exegetical Commentary on Genesis**. Edinburgh:T&T Clark, 1930.
- VAN SETERS, J. **Em busca da história – Historiografia no mundo antigo e as origens da história bíblica**. São Paulo: EdUSP, 2008, p. 345-353.
- VON RAD, G. **Das erste Buch Mose – Genesis**. Göttingen: Vandenhoeck & Ruprecht, 1972.
- WESTERMANN, C. **Genesis 37-50**. Neukirchen: Neukirchen-Vluyn, 1982.